

Teoria da carência cultural em voga: um triste relato de estágio

José Guilherme Oliveira da Silva



7

INTRODUÇÃO

Sempre enxerguei os estágios supervisionados presentes na grade do curso de História como momentos oportunos em que muitos dos estudantes chegam a ter seus primeiros contatos com o ambiente escolar como professorandos, podendo enxergar a escola de outro modo, com seus problemas, dilemas, deleites e deslumbres. Definitivamente, um momento em que nossa escolha por uma licenciatura se encontra em um lugar muito vulnerável, podendo e devendo ser alvo de reflexão. Realizei o Estágio II em uma escola próxima de casa com a qual tive muito contato durante a vida, por ser a única que atende ao bairro, sendo a única presente no raio de 1 quilômetro, tornando-se a única via de acesso à educação de extensas comunidades ribeirinhas que existem nos arredores. Como cresci na comunidade onde a escola se encontra, há um bom tempo tenho refletido sobre o papel que aquela escola exerce na região, e mesmo que anteriormente tais reflexões tenham sido mais precárias e tenham tomado ares mais complexos somente durante a graduação, sempre foi perceptível o quanto aquela instituição era importante para o seu entorno; a escola serve como: colégio eleitoral; lugar de encontros dominicais para associações religiosas, e por vezes coletivos de moradores; espaço para festas de aniversários infantis; sua quadra esportiva sendo espaço para competições de escolinhas futebolísticas; além do seu papel no

ensino infantil, fundamental e EJA. Iniciei o estágio sabendo que não estava adentrando simplesmente um ambiente de ensino, mas também de convívio, sociabilidade e única referência em educação para diversas comunidades no entorno.

Durante dois meses tive a oportunidade de acompanhar as aulas de História de uma turma do Fundamental II, com alunos majoritariamente negros e periféricos que tinham entre 12 e 18 anos, sendo a maioria meninos moradores da própria comunidade. É importante destacar que o estágio foi desenvolvido em um período em que uma onda de ataques a escolas vinha tomando os noticiários. O primeiro deles sendo o caso onde um adolescente de 13 anos matou uma professora e feriu outros 5 alunos em uma escola no estado de São Paulo¹. Fatos que não deixaram de reverberar no convívio escolar. Mostrou-se comum ao longo dos anos notícias de brigas, agressões e situações violentas em escolas em todo o país, e não só entre alunos, mas situações que envolvem alunos, pais, professores e funcionários também. Como exemplo, pode-se observar uma matéria do site jornalístico G1 Tocantins², somente entre os meses de janeiro e agosto de 2022 foram registrados mais de 100 boletins de ocorrência por lesão corporal e ameaças envolvendo componentes das comunidades escolares da rede estadual de ensino do Tocantins, tomando apenas uma única unidade federativa como demonstrativo. Conforme a Pesquisa Inter-

¹ Notícia disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/adolescente-esfaqueia-professores-e-aluno-em-escola-de-sao-paulo.shtml>>. Acesso em 22. jun. 2023.

² Disponível em: <<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2022/08/31/violencia-nas-escolas-cresce-e-especialista-alerta-para-reflexo-da-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 22. jun. 2023.

nacional sobre Ensino e Aprendizagem, realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, o Brasil está entre os países com níveis mais altos de ocorrências relacionadas a violência³.

No dia em que iniciei o estágio houve uma reunião de pais, da qual participei, sobre a questão da violência existente no ambiente escolar, e pude iniciar as reflexões que, junto das monitorias, revelou um cotidiano marcado por violências de caráter físico, verbal e discursivo entre alunos, professores e funcionários. A violência foi o problema mais gritante a ser diagnosticado e a intervenção planejada teve como foco não acabar com o problema, missão que sequer acho possível em tão pouco tempo, e sabendo que as manifestações da violência são mais sintomas que problemas em si, mas ao planejar, tive a intenção de construir junto dos alunos reflexões sobre seus cotidianos escolares, entendendo e sabendo identificar a ocorrência de violências, a forma como estas podem prejudicar o convívio e o bem-estar de todos.

A EXPERIÊNCIA NA INTERVENÇÃO

As relações interpessoais no ambiente escolar se mostraram atravessadas por contextos violentos que se manifestaram de diferentes formas durante os períodos de monitoria e observação: xingamentos proferidos entre alunos, e contra professores e funcionários; agressões físicas tidas como “brincadeiras” entre colegas; atos de bullying contra outros alunos, utilizando-se da aparência física como meio de constran-

ger e diminuir os alvos. Em diversos momentos a sala de aula se mostrou como um ambiente desconfortável para alguns alunos, e confortável para poucos, fazendo com que o foco da intervenção tenha se voltado para a violência presente no cotidiano escolar, com a intenção de desenvolver junto dos alunos reflexões sobre as formas que eles costumam se relacionar entre si e com a comunidade escolar. Analisar e trabalhar para combater a violência na escola se mostrou importante tanto em micro contextos, em que a convivência na comunidade escolar poderia ser melhorada, ajudando a escola a cumprir com suas funções e potencialidades de forma plena, como também em macro contextos, levando em conta que a escola é um ambiente onde se formam cidadãos que em um futuro breve estarão ativamente transformando o mundo em que vivem, sendo então propício que levem consigo uma base formada pelo incentivo ao respeito e à cidadania como essenciais na convivência humana. O objetivo da oficina pedagógica desenvolvida foi delinear o que os alunos entendiam por “violência”, posteriormente problematizar junto deles quais aspectos do convívio escolar eram prejudicados pela violência, para serem elaboradas formas de diminuir as situações de agressão, *bullying* e confrontos no convívio. Gostaria de dizer que o resultado do projeto de intervenção foi positivo, mas somente após o término do estágio, e olhando em retrospectiva, pude refletir sobre as circunstâncias que levaram a um resultado longe do desejado. Mesmo com as horas de monitoria, o tempo passa-

³ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48683505>>. Acesso em: 22. jun. 2023.

do com os alunos se mostrou insuficiente para se ter um entrosamento necessário para tocar em um assunto que se mostrou tão delicado, e a forma como se dava o relacionamento dos estudantes com o corpo docente foi algo que teve grande papel nas negativas dos alunos frente às proposições da oficina.

Assim que iniciei as monitorias, me perguntei o motivo dos livros didáticos não serem usados nas aulas de História, e a resposta que tive foi que os textos presentes nos livros eram muito rebuscados para o intelecto dos alunos. Fiquei um pouco chocado, pois me parecia que, mesmo que os alunos viessem a ter dificuldade com o material, naquela ocasião nem sequer estava sendo dada a oportunidade deles se desenvolverem frente à tal. O mais curioso de tudo foi o fato que o docente que falou isso tinha começado a dar aula para aquela turma apenas uma semana antes do início das minhas monitorias, o que me levou a perguntar como ele havia dado esse diagnóstico tão limitante e decisivo em tão pouco tempo. Interessante recorrer ao pensamento de Martins (2017, p. 19), quando a autora diz que “Privar os indivíduos das condições objetivas para esse desenvolvimento significa usurpá-los da formação do pensamento em conceitos, que é, em última instância, o meio mais adequado de se conhecer efetivamente a realidade.”

O desenvolvimento do pensamento, por sua vez, requer o estabelecimento de mediações cada vez mais abstratas entre as impressões concretas advindas da captação sensível da realidade. Requer o estabelecimento de relações e generalizações entre distintos objetos à vista do ordenamento e sistematização da experiência individual e da imagem

subjéctiva dela resultante. Portanto, a gênese desse desenvolvimento reside no material disponibilizado pela captação sensorial e, ao mesmo tempo, na ampliação deste, uma vez que é exatamente a tensão entre o concreto e o abstrato que impulsiona as operações lógicas do raciocínio. (Martins, 2017, p. 19)

Levando isto em conta, como esperar que os alunos se desenvolvam em relação à leitura quando nem sequer está sendo oferecido material para nutrir esse desenvolvimento?

A percepção passada por diversos professores em relação aos alunos foi a de que estes não eram capazes de elaborar pensamentos complexos, entender conceitos abstratos e tirar do ensino qualquer proveito. No intervalo, na sala dos professores as conversas muitas vezes giravam em torno de suas experiências em instituições privadas frequentadas pela elite da cidade, onde os alunos tinham “alto nível”, o que somado às atitudes em sala e em alguns discursos que ouvi, me deu a impressão de que alguns nem sequer gostavam de estar ali. As atitudes em sala que menciono tiveram parte importante no porquê dos alunos não terem se aberto para uma conversa nas oficinas. Certa vez um docente, na frente de duas alunas, se dirigiu a mim e disse que aqueles estudantes eram “extremamente limitados”; fiquei sem reação, e sequer tive o ímpeto de rebater pois, o constrangimento frente à situação me paralisou. Posteriormente, frente a algumas atitudes dos alunos, presenciei a afirmação de que aqueles estudantes não tinham o “...mínimo respeito por nada”, pois não traziam “educação de casa”, onde só presenciavam violência, além de consumirem produtos culturais de

“baixo nível”.

Se mostrou comum a presença da convicção de que os problemas do ambiente escolar tem origens em questões relacionadas aos próprios alunos; os problemas, conflitos e contradições que surgem no campo de ensino são postos na conta das músicas que os alunos escutam, nos conteúdos que acessam na internet, o ambiente em que vivem, a educação que recebem, enfim, da suposta “falta de cultura” presente em grande parte do alunado. A psicóloga educacional Maria Helena Souza Patto bem descreve a situação em sua obra *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*, onde entre tantas coisas ela descreve a *Teoria da Carência Cultural*.

...os adultos das classes subalternas são considerados mais agressivos, relapsos, desinteressados pelos filhos, inconstantes, viciados e imorais do que os das classes dominantes, a partir de interpretações visivelmente tendenciosas de situações ou comportamentos que estariam a exigir outras leituras, não fosse a forte e tradicional tendência social, da qual muitos pesquisadores participam, de fazer do pobre – visto como elo de ligação entre o selvagem e o civilizado – o depositário de todos os defeitos. (Pattos, 2022, p. 101)

Ao responsabilizar o contexto cultural e social dos alunos por seus comportamentos agressivos, sem nenhuma criticidade em relação a essa afirmação, corre-se o perigo de cair em um senso comum que culpabiliza o indivíduo por suas falhas e problemas, sem levar em consideração as configurações que esses mesmos indivíduos ocupam em uma sociedade capitalista com uma estratificação social latente.

A crença na incompetência das pessoas pobres é generalizada em nossa sociedade. Às vezes, nem mesmo os pesquisadores muni-

dos de um referencial teórico-crítico estão livres dela. (...) mesmo quando voltam os olhos para a escola e o ensino numa sociedade de classes e neles identificam inúmeras condições que podem por si só explicar as altas taxas de reprovação e evasão, continuam a defender as teses da Teoria da Carência Cultural. O resultado é um discurso incoerente que, em última instância, acaba reafirmando as deficiências da clientela como a principal causa do fracasso escolar. (Pattos, 2022, p. 100)

Quando se afirma que um alunado majoritariamente vindo da periferia tem determinados comportamentos nocivos ao suposto bom funcionamento da escola (bom funcionamento esse que só existe na teoria, tendo em vista que problemas no sistema público de ensino sempre existiram) simplesmente por serem de onde são e como são, e ignora-se o fato que muitas dessas periferias e comunidades são locais onde não se tem acesso pleno à saúde, educação e diversos direitos básicos do cidadão, ou que muitas dessas comunidades são vítimas de polícias racistas que agem de forma a ignorar toda e qualquer forma de civilidade e decoro que se espera (de forma ilusória) das forças de segurança, em uma onda discursiva dominada por preceitos neoliberais, com o indivíduo sendo totalmente responsável por seus sucessos e fracassos. Tudo isso demonstra a falta de visão que muitos educadores têm do próprio ofício e do papel que a escola tem e pode ter.

A violência escolar pode ser definida como

todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre, a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar. (Priotto; Boneti. 2009, p. 2)

Devo admitir que falhei ao subestimar o fato que a violência também partia dos professores contra os alunos, não de forma física, mas verbal, e de forma muitas vezes velada. Violência; de qual outra forma se pode definir um professor dizendo em frente aos alunos que eles são limitados? Franco (2015) debate o quão necessário é refletir a própria ação desde a formação acadêmica, para que o fazer docente não seja esvaziado, com a prática pedagógica se tornando uma reprodução de violências.

Quando um professor é formado de modo não reflexivo, não dialógico, desconhecendo os mecanismos e movimentos da práxis, ele não saberá potencializar as circunstâncias que estão postas à prática. Ele desistirá e replicará fazeres. O sujeito professor precisa ser dialogante, crítico e reflexivo. Ter consciência das intencionalidades que presidem sua prática. (Franco, 2015, p. 607)

O cenário que se mostrou foi que os alunos se viam do lado oposto aos professores, e creio que a impressão que ficou foi a de que eu estava ao lado dos professores. Como permitir e se abrir para uma conversa com alguém que está ao lado de quem diz que os alunos são limitados? Durante a intervenção foram diversos os momentos em que fui interrompido pelo docente em momentos onde a turma se mostrava dispersa, e a cada interrupção, um novo sermão era proferido, chamando a atenção dos alunos para sua “falta de educação”, e novamente colocando-os como culpados pelos problemas existentes no ambiente escolar. Alguns alunos responderam às dinâmicas, mas de uma maneira defensiva, sempre rebatendo qualquer afirmação, e alguns até reafirmando que comportamentos

violentos eram necessários e não abririam mão deles. Confesso que eu não soube reagir a tais afirmações, principalmente depois de perceber o constrangimento que aqueles alunos passavam cada vez que recebiam sermões. Refleti posteriormente que não haveria como ter uma conversa produtiva com eles sobre violência quando no momento em que a conversa acontecia, eles próprios estavam sendo violentados discursivamente.

Como esperar que os alunos gostem de estar na escola, se a mesma é um ambiente desconfortável, onde não se tem equipe pedagógica suficiente para lidar com as demandas surgidas, com as salas possuindo apenas ventiladores que não dão conta de apaziguar o calor de uma cidade conhecida como “a cidade do sol”, sem água gelada nos bebedouros e muitas vezes até sem energia elétrica? Com professores que desacreditam da capacidade dos alunos e não enxergam que os motivos pelos quais os alunos muitas vezes evadem e reprovam estão postos ali mesmo na escola?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência no estágio serviu para estimular outras reflexões em relação ao processo educativo e o convívio escolar, como a ideia de que nem sempre as situações estão postas da forma dicotômica com a qual se costuma pensar o universo da escola e o processo educativo. Em alguns círculos se costuma imaginar os professores como vítimas das agruras impostas pela precarização da educação, o que é verdade em certo grau, mas precisa-se também discutir

o papel dos docentes em possíveis aprofundamentos de problemas que atingem outra parcela de prejudicados que estão em uma posição muito mais vulnerável: os alunos. A Teoria da Carência Cultural não pode e não deve reger a forma como os professores pensam nos alunos, e é preciso atentar-se para que não se corra o perigo de, através da prática docente, impor visões limitantes sobre as potencialidades dos estudantes.

BIBLIOGRAFIA

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, 1 set. 2015.

MARTINS, Lígia Márcia. Psicologia histórico-cultural, pedagogia histórico-crítica e desenvolvimento humano. In: MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias (org.). **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico**: do nascimento à velhice. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 13-35.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia / Organizado por Maria Helena Souza Patto. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. **Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola**. Rev. Diálogo

Educ. [online]. 2009, vol.09, n.26, pp.161-179. ISSN 1981-416X.